

mário sacramento



TEATRO ANATÓMICO

MÁRIO SACRAMENTO

TEATRO ANATÓMICO

A T L Â N T I D A • 1 9 5 9

Teatro anatómico

Tragédia

PERSONAGENS :

DR. REINALDO VIEGAS

NATÁLIA, sua mulher

PROF. VASCONCELOS, pai desta

ARTUR CAMINHA

CUSTÓDIO

UM SOLDADO

UMA RAPARIGA

A JOVEM DA FLOR VERMELHA

CORIFEU

CORO

Actualidade.

(Gabinete anexo ao anfiteatro de anatomia duma Faculdade de Medicina, parcialmente visível através da parede posterior, envidraçada até ao lambril, e da porta existente a meio desta, aberta de par em par. Ao centro do anfiteatro, avista-se um esqueleto articulado e uma mesa de mármore para exposição de cadáveres, que está desocupada. Portas à direita e à esquerda. Um armário para batas. Vitrinas e prateleiras com bocais de preparações anatómicas. Quadros com motivos alusivos. Uma estante com livros. No meio da cena, uma mesa ampla, rodeada por cadeiras de braços, com revistas, cinzeiros e uma jarra de flores. Ao levantar do pano, ouve-se estalar a fechadura da porta da esquerda, que dá para a rua, e entram Artur Caminha e o Dr. Reinaldo Viegas.)

DR. VIEGAS (fechando a porta no trinco e dirigindo-se ao armário da roupa, onde guarda o chapéu e o casaco e veste uma bata) — Senta-te, meu caro. E desculpa a tualete, mas sou incapaz de andar por aqui

sem bata . . . Reflexo condicionado ao Pasteur, quem sabe ? . . .

CAMINHA (*pondo o chapéu e a pasta sobre a mesa*) — Também eu não posso desenhá-la sem me pôr em mangas de camisa, faço o tempo que fizer . . . É como se o lápis pesasse toneladas ! (*Olhando em torno*) Tudo como dantes, ao que vejo.

DR. VIEGAS (*procurando um bocal e mostrando-lho*) — Aqui tens a preparação de que te falei e que eu pretendo que desenhes para o meu trabalho.

CAMINHA — Posso levá-la, por uns dias?

DR. VIEGAS — Como queiras. Mas trabalha aqui, se o preferires. Aos domingos, como hoje, é um regalo mergulhar neste silêncio. O bem que isso me faz ! Meu sogro, de princípio, estranhava. Mas depois foi vendo os resultados. Numa simples manhã de domingo, faço o que não consigo em toda a semana. Os contratemplos das aulas, o vaivém do pessoal, os trabalhos

dos colegas, as interrupções de toda a ordem enervam-me, dispersam-me, perturbam-me... Acabaria por desistir do concurso se não fosse a paz das manhãs de domingo. (*Noutro tom*) De certas manhãs de domingo, pelo menos... Sabes, o meu sistema nervoso já não é o que era... Excesso de trabalho, suponho. (*Furtando-se*) Enfim, meu velho, se tens o tempo livre, isto é teu. O meu trabalho é na outra ala, e estarás, portanto, à tua vontade.

CAMINHA — Tenho pena, mas não pode ser. Só em casa. De resto, além de já ter compromissos, é-me penoso este ambiente. Remexe-me com o passado... Teu sogro chegou a oferecer-me um lugar de desenho no Instituto. E eu recusei, pelo mesmo motivo. Só por muita amizade anuí agora ao teu pedido...

DR. VIEGAS — Compreendo. Não se passa impunemente por cá. Quantos anos chegaste a cursar?

CAMINHA — Perto de três. Larguei por

morte de meu pai. Se eu não tomasse conta do negócio, ia-se tudo por água abaixo e meus irmãos não poderiam estudar. Mesmo que me formasse entretanto, que futuro poderia ter, a curto prazo, um homem sem protecções como eu? Chego a pensar que foi melhor assim. Que sei eu de vocações, para lá do meu pobre desenho? Lembra-me sempre aquele bom do Castelaço, o galego, tu sabes?, o que dizia ter-se formado em medicina para fazer a vontade ao pai, e não ter chegado a exercer a profissão para não prejudicar a humanidade... De qualquer forma, este ambiente remete-me a um período escuro da minha vida, o da renúncia, dos serões de inventário lá na loja, do luto no corpo e nas esperanças...

DR. VIEGAS (*convidando-o a sentar e oferecendo cigarros*) — Sim, na batalha da vida é duro perder. Mas será menos duro ganhar? Entregamo-nos a uma ambição — vendemos a pele ao Diabo. Tu recordas-te, não é verdade? Fiz o meu curso vencendo as maiores dificuldades. Explica-

ções, sebatas, propaganda de laboratórios, serviço nos jornais, traduções de pataco, de tudo lancei mão para conseguir os recursos necessários ao prosseguimento dos meus estudos. Fui sempre dos primeiros no curso. Findo ele, convidaram-me para assistente. Com as dívidas que tinha contraído e os impedimentos que a pragmática do cargo levantava ao exercício das actividades remuneradas que até aí me haviam sustentado, era impossível subsistir com a ridícula gratificação que me atribuíam. E, depois, que esperar? Eu bem via os antecedentes. A Faculdade desobrigava-se com os mais classificados convidando-os para assistentes. E, a partir de então, votava-os a um destino em que os pobres diabos se viam forçados a desertar em proveito dos que dispunham de influências e de protecção. E essas protecções eram sempre de arromba — laços de família, altos padrinhos. Ao fim e ao cabo, a nota do curso era uma ilusão, um factor jamais suficiente e só aparentemente necessário. Porque o que nele se pressupunha necessário, já no próprio curso fora ampa-

rado pelas mesmas vias... Em mérito absoluto, ser dos melhores não distingue dos bons. E o mérito relativo pode ser compensado de muitas maneiras — uma bolsa de estudo, uma especialidade, um estudo orientado, uma achega bibliográfica... Disponha-me a dar o fora, quando ocorreu o que sabes: tornei-me o genro do professor. O genro do professor — nota bem! Para a ficção social, eu fui o caso bonito dum rapaz que veio do nada e subiu pelo seu próprio mérito. Mas, para mim, não passo daquele que se suicidou para dar a vez — ao genro do professor! Meu caro Artur, isto só podia dizer-se a um velho amigo como tu! Faz-me bem dizer-to, sabes? Partiu-se não sei quê na minha vida... O trabalho dava-me um gosto! E hoje pesa-me... gasta-me...

ARTUR (*sem dar atenção à confidência, preso ao passado*) — Sim, ninguém trabalhava como tu. Lembras-te daquela noite de S. João — toda a gente na rua, a cidade em polvorosa! — em que fui dar contigo, às 3 da manhã, de janelas trancadas, algo-

dão nos ouvidos, raivosos, a estudar?... Todos os dias eu ia ao teu quarto. Estendia-me na cama, punha as mãos sob a nuca... e ouvia-te, ouvia-te... Lias uma e duas e três vezes... Depois, erguias-te, passeavas no quarto... E repetias, repetias, com os olhos perdidos num abismo de papel impresso, as mãos contornando, apreendendo o invisível... Em certo momento, olhavas o relógio. Suspendias. Tiravas a harmónica da gaveta e, sem uma palavra, tocavas, tocavas... Era então que eu me sentia mais próximo de ti, mais teu amigo. Mas já tu acabavas! Voltavas ao relógio, voltavas à forja... E eu a ouvir-te, horas a fio. Toda a anatomia que cheguei a saber a aprendi assim, contigo! Uma vez, tentei desenhar enquanto escutava. Não deixaste! E eu bem sabia porquê... Era como se ouvisses a harmónica... Que é feito dela, Reinaldo?

DR. VIEGAS — Deitei-a ao lixo. Não podia sequer olhá-la. Dava-me urticária...
(Silêncio) Artur, gostava que nos víssemos